

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

### O HUMOR DAS MULHERES E AS MULHERES NO HUMOR: FEMINISMOS, RISO E ARTE

No ano de 2016 diversas vertentes do movimento feminista novamente tomaram conta das ruas para expressar e reivindicar, dentre outras pautas importantes defendidas pelos feminismos há décadas, a urgência de se abordar o problema crescente da violência contra as mulheres: feminicídio, estupro, assédio, violência psicológica dentre outras. Essa movimentação coletiva foi denominada por algumas intelectuais e artistas como “A Primavera das Mulheres” e se singularizou por colocar à mostra diferentes e inovadoras formas de ação desenvolvidas no contexto contemporâneo, bem como a pluralidade das protagonistas envolvidas nesses movimentos. Um aspecto que chama a atenção em tais mobilizações é o caráter humorístico no interior das ações, somado a ironia, ao sarcasmo e a muita irreverência, potencializando, assim, a força e o viés político dessas manifestações. Exemplos notáveis do que estamos falando é a Marcha das Vadias (que acontece desde 2011) e o atual Movimento de Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (criado no período pré-eleições de 2018 com o mote #elenão).

Considerando a energia que o humor confere quando empregado às lutas políticas, sejam elas feministas ou não, organizamos o dossiê “O humor das mulheres e as mulheres no humor: feminismos, riso e arte” que afirma e tem o interesse em colocar em relevo, entre outras coisas, o poder revolucionário do humor e do riso das mulheres. A constatação do uso da Internet na construção e difusão de piadas, memes, charges, montagens (no universo *online*) e cartazes, cantos, palavras de ordem (nas marchas nas ruas) é apenas a fresta de um horizonte infinito existente desde os movimentos sufragistas no final do século XIX. Nossa proposta é enfatizar que, se por um lado, as mulheres foram alvo de humor por séculos, por outro lado, elas produzem, também há séculos, humor.

O dossiê que apresentamos às leitoras e leitores da *Revista Ártemis* reúne 12 artigos de pesquisadoras que tem como preocupação o debate acerca do humor das mulheres e das mulheres no humor. Como característica inerente aos estudos sobre mulheres, gênero e feminismos, todas as autoras apresentam debates interdisciplinares que lançam diferentes questões ao humor como campo de pesquisa, como estruturador e “retrato” da sociedade, bem como lugar de produção do riso. Através da análise de fontes e experiências de diferentes naturezas, nos artigos que

---

**Cintia Lima Crescêncio**

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: climahist@gmail.com

**Maria da Conceição Francisca Pires**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: conceicao.pires@uol.com.br

integram este dossiê, são problematizados principalmente dois pontos: primeiro, as representações e discursos humorísticos sobre as mulheres, debate que se debruça, com frequência, na inevitável constatação da existência de uma violência simbólica contra as mulheres no humor produzido, no geral, por homens; segundo, o humor “sem nome” produzido por mulheres e sua capacidade de fabricar outras formas de ser e estar no mundo, pautado não na violência, mas nas marcas de gênero que são sociais e históricas.

Iniciamos o dossiê com o debate em torno do humor gráfico e dos quadrinhos de humor feitos por mulheres que mobilizou cinco dos 12 artigos aqui publicados. O artigo **Claire Bretécher en la revista HUM® (1979-1984) (O cómo hacer para que el humor gráfico argentino deje de ser una cuestión de hombres)**, de Mara Burkart, trata do ingresso da quadrinista de humor francesa Claire Bretécher na revista HUM® no final dos anos 1970, evento que irá significar uma renovação da forma de fazer humor na Argentina. A autora aponta que o humor de Bretécher, através de flertes com o feminismo, questionou os costumes, os valores, o “feminino” e a organização do mundo doméstico na sociedade argentina. Ainda no debate sobre humor no país vizinho, Mariela Acevedo, autora do artigo **Humor como espacio de dialogismo sexogenérico: Del canon y el contracanon a la constelación crítica**, elabora uma discussão teórica feminista em torno da caracterização de uma arte ou humor “feminino”, indicando que tal nomenclatura se sustenta em premissas binárias e heteronormativas, e propõe como solução um olhar de gênero para as textualidades. Tendo a análise feminista como motor para pensar alguns exemplos do humor gráfico argentino contemporâneo, sempre como textualidade, a autora apresenta a diversidade do humor argentino com protagonistas homens e mulheres, e pontua a condição de privilégio/misoginia/machismo que marca o traço de muitos homens caricaturistas, chargistas e quadrinistas de humor. Em contraponto, o humor gráfico feminista, capaz de um riso subversivo, tem se fortalecido, principalmente através do uso da Internet, indicando caminhos para a construção de um riso que questione, perturbe, atente contra as hierarquias e a ordem, constituindo-se, desse modo, em um riso subversivo.

Tendo no horizonte um debate semelhante, mas focando no Brasil, o artigo de Cintia Lima Crescêncio, **As mulheres ou os silêncios do humor: uma análise da presença de mulheres no humor gráfico brasileiro (1968-2011)**, aborda, a partir de coletâneas de humor gráfico e quadrinhos no Brasil, os silêncios acerca da produção de mulheres em obras que prometem vastos levantamentos de cartunistas, chargistas, caricaturistas e quadrinistas do cenário nacional. Em contraponto, a autora apresenta a imprensa feminista – notadamente os jornais *Nós Mulheres* e *Mulherio* –, que circulou entre os anos 1970 e 1980, como lugar de publicização do humor gráfico produzido por mulheres, colocando ainda mais em evidência os silêncios do humor gráfico brasileiro. Com uma análise quantitativa e qualitativa e articulando fontes de diferentes naturezas, a autora sinaliza que a história do humor gráfico no Brasil foi construída no masculino, e a partir da negação do humor gráfico produzido por mulheres. Também apontando a busca por caminhos

alternativos na divulgação do humor gráfico e quadrinhos de humor, Talita S. Medeiros, no artigo **Psicodelia, humor e militância: os coletivos de mulheres quadrinistas no comix underground norte americano**, destaca a formação de coletivos de mulheres quadrinistas nos Estados Unidos nos anos 1970, como *Ain't Me Babe* (1970), *Wimmen's Comix* (1972-1992), *Tits&Clits* (1972-1987). Segundo a autora, estes coletivos resultaram da efervescência cultural que envolveu as décadas de 70 e 90, do encontro entre feminismo e *comix underground* e, ainda, da pouca representatividade das mulheres nos jornais *underground*, lugar que, em teoria, elas receberiam um tratamento mais igualitário. Esse contexto inspirou a criação desses grupos por mulheres e para mulheres como espaços de distribuição e divulgação.

Finalizando o grupo de artigos que colocou em evidência o humor gráfico e os quadrinhos de humor produzido por mulheres, o artigo **Um breve panorama do humor nos quadrinhos feministas suecos a partir da obra de Nina Hemmingsson, Malin Biller e Liv Stronquist**, de autoria de Natania Nogueira, sinaliza a Suécia como um país que tem construído políticas de igualdade de gênero em editoras e, conseqüentemente, fortalecido o mercado dos quadrinhos produzidos por mulheres. Através da análise da produção de três artistas suecas contemporâneas, que produzem quadrinhos de humor e feministas, a autora pontua o uso do humor feminista como forma de crítica e desconstrução de expectativas tradicionais de gênero e como um caminho possível na construção da igualdade.

Em uma reflexão sobre o potencial do humor e do riso das mulheres, o que estamos chamando de humor outro, ou “sem nome”, não são apenas as quadrinistas, chargistas e cartunistas que se destacam. Os próximos três artigos que também compõem essa primeira parte do dossiê, sobre mulheres palhaças, indicam a força artística, teórica e revolucionária do humor das mulheres.

Maria Sílvia do Nascimento, palhaça e pesquisadora, no artigo **Casada consigo mesma: mulheres palhaças e a busca de uma comicidade feminista**, constrói uma discussão teórica em torno do lugar das mulheres na arte da palhaçaria e um estudo sobre a intervenção *Casada Consigo Mesma*, protagonizada por mulheres palhaças. Na articulação entre teoria e prática, a autora procura refletir sobre a ideia de comicidade feminista, uma forma de humor que desestabiliza o “feminino”, uma vez que a arte da palhaçaria liga corpos ao grotesco e permite desconstruir e reconstruir esse “feminino”. No mesmo sentido, o artigo **Mulheres palhaças: comicidade, gênero e política com o grupo “As Marias da Graça”**, de autoria de Renata Saavedra, analisa as disputas de poder e simbólicas presentes no discurso e no trabalho do grupo de palhaças As Marias da Graça. A partir de uma análise de gênero que se alia a um debate em torno da política, a autora pontua as questões de identidade, resistência e representatividade presentes nessa prática, ao mesmo tempo que afirma um aumento crescente de mulheres palhaças. Já Daiani Brum, também palhaça e pesquisadora, autora do artigo **A atuação de mulheres como palhaças: resistência e subversão**, elabora uma articulação entre bibliografia e experiências na palhaçaria da Doutora Brum, e as atravessa com um olhar de gênero e uma análise feminista. Refletindo sobre o potencial cômico das mulheres palhaças,

inclusive em intervenções diretas no questionamento das expectativas tradicionais de gênero e sexualidade, a autora pontua a necessidade de revisão na historiografia e na atuação palhacesca.

A segunda parte do dossiê traz quatro artigos que discutem as representações e discursos de humor sobre as mulheres e o feminino na imprensa em textos escritos, mas principalmente a partir de cartuns, charges, tiras e quadrinhos de humor publicados em jornais e revistas.

No artigo **Dona Marcolina, uma megera indomada: representações e estereótipos de feminilidade nos quadrinhos de Alceu Chichorro** de autoria de Thaís Mannala e Marilda L. P. Queluz, a personagem Dona Marcolina, que circulou pelo jornal *O Dia* entre as décadas de 1920 e 1960, é alvo de uma análise que problematiza uma longa tradição, típica do que ficou conhecido como *family strips*, de representar mulheres mandonas e rabujentas. A personagem, assim como muitas outras, é resultado de um modelo ideal de família nuclear em que as mulheres colocam a família acima de tudo. A partir de um olhar de gênero as autoras identificam como tais personagens operam na manutenção de posições subalternas para as mulheres, bem como das assimetrias de poder. Em um debate localizado no mesmo período, Camila Cornélio, no artigo **“Nos calcanhares da dúvida”: representações sobre mulheres através dos discursos humorísticos d’ A Pilhéria**, discute as representações produzidas por sujeitos outros sobre mulheres na referida revista recifense. A autora pontua como os “desvios” das mulheres, que seriam basicamente desvios das expectativas de feminilidade, eram apresentados como uma crise dos costumes e da moral da década de 1920. Nessas representações é identificado a existência de um humor antifeminista que marcou a emergência da luta pelo voto e dos direitos civis ainda no século XIX.

Cristina Scheibe Wolff e Virginia Broering, no artigo **“Ui-Wando Paixão”: mulheres e a música brega nas tirinhas de Sérgio Bonson**, elaboram um debate teórico em torno da articulação das categorias obscenidade-erotismo e humor-sexo, para construir o conceito de sacanagem à brasileira. Para isso as autoras exploram a produção do cartunista Sérgio Bonson na segunda metade da década de 1980, especialmente sua apropriação da música e da figura do cantor Wando, publicada em jornal do estado de Santa Catarina, evidenciando os usos – muitas vezes ambíguos – de estereótipos de gênero como centrais na produção de um humor pautado no sexo e na sexualidade. No mesmo sentido, mas com fontes contemporâneas e sem ambiguidades no que se refere aos usos dos estereótipos de gênero, Alana N. Volpato, Nayara A. Damiano e Rozinaldo A. Miani, autoras do artigo **Misoginia no traço: violência contra as mulheres como pretexto temático em charges**, analisam o uso da violência na construção de metáforas de crítica social e identificam a exploração do feminino como recurso visual e humorístico em charges publicadas a partir dos anos 2000, com protagonismo de temas como justiça, Estado e, especialmente, a ex-presidenta Dilma Rousseff.

Um breve olhar sobre os estudos de humor denuncia de imediato o pouco interesse por artistas e intelectuais mulheres e humoristas, mesmo que elas sejam

um número significativo. Tal desinteresse, como fica evidenciado neste dossiê, passa por duas possibilidades: 1) a negação do humor das mulheres; 2) o desconforto causado por um humor que as ridiculariza. A primeira confirma a falsa ideia de que as mulheres não produzem humor, ou não produzem um humor que mereça interesse científico, agravada ainda por narrativas que desconsideram a necessidade de um olhar de gênero para as fontes e/ou experiências diversas. A segunda insinua a possibilidade de refratação de estudos que poderiam ser sobre artistas e intelectuais mulheres e humoristas, uma vez que há uma quantidade tão vasta de humor misógeno/machista, que o debate sobre as representações e discursos sobre as mulheres e sobre o feminino canalizam todas as atenções.

Apesar disso, há um interesse crescente em pesquisar mulheres e humor no Brasil, como fica claro nos 12 artigos que compõem este dossiê. Uma parte deles, oito artigos, dedica-se a investir nos debates sobre o potencial do humor fabricado pelas mulheres, esse humor que chamamos de “sem nome”. Tendo gênero e feminismo como categorias de análise transversais, estes artigos tratam de apontar e propor explicações teóricas outras para o humor produzido por mulheres, o que poderíamos chamar de um humor outro, contra-hegemônico, dissidente. Outra parte deles, quatro artigos, dedica-se a fazer uma reparação importante ao apontar os silêncios e as violências que, sob o subterfúgio do riso, atacam as mulheres e o feminino, a exemplo do que fizeram as feministas, e posteriormente as historiadoras, na segunda metade do século XX, exigindo uma revisão e uma reinvenção da história e das narrativas sobre as mulheres. Trata-se, portanto, de dois caminhos de pesquisa fundamentais que demonstram uma direção alternativa para os estudos sobre humor no futuro, com foco no protagonismo das mulheres e foi a identificação de tais caminhos que guiou a estrutura deste dossiê.